



CINEMA E PEDAGOGIA: UMA INTERFACE REFLEXIVO DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO

Adriana Martins Cerqueira
dricacerqueira@gmail.com

Jéssica Samara Souza das Chagas
jessicasamara.chagas@hotmail.com

Paulo Roberto Lima da Silva
paulo.roberto2@outlook.com

RESUMO

O nosso presente trabalho tem como necessidade de estudo o uso da imagem visual em movimento, mais especificamente, o cinema no ensino da disciplina de sociologia do Centro Educacional de Jovens e Adultos Paulo Freire – CEJA, na periferia de Maceió/AL. Sendo assim, é importante afirmar que a imagem visual é aqui, decodificada como instrumento de uma linguagem que precisa ser interpretada pelo viés da pedagogia crítica em seu contexto escolar e pela mediação de rodas de conversas, reflexões e debates com os alunos dos cursos de Pedagogia e Psicologia do Centro Universitário Cesmac, por se tratar de uma infinidade de interpretações. Em se tratando de registro de um registro, ele traz consigo toda uma carga de ideologias. Dessa forma, existe necessidade de elaborar um estudo a partir desses registros e situar a relação dos sujeitos históricos e comunitários com o criar imagético como instrumento de pertencimento, proporcionando aos educadores, acadêmicos e educandos a possibilidade de interpretar os novos dispositivos de revelações e representações dos grupos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Cinema. Pertencimento. Ensino. Comunidade.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho intitulado *Cinema e Pedagogia: uma interface reflexivo do sujeito contemporâneo* faz parte dos projetos desenvolvidos pelo Centro Universitário Cesmac na categoria, projeto de extensão comunitária, que tem como objetivo ajudar a comunidade ao redor da instituição e tem como perspectiva o uso do cinema na disciplina de sociologia para alunos e alunas matriculados na Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI). Sendo assim, é importante afirmar que a imagem visual é aqui, decodificada como instrumento de uma linguagem que precisa ser interpretada pelo viés da pedagogia crítica em seu contexto socializador

e escolar, ou seja, o cinema representa um dispositivo de reflexão dos sujeitos para além de sua singularidade mecânica e sem criticidade.

Portanto, o cinema surge no cenário escolar como possibilidade de emancipar os sujeitos a partir do processo de reflexão com os filmes propostos diante de uma práxis política que aponte para uma mediação do saber crítico.

A escolha imagética como suporte desta investigação psicopedagógica e dialética se dá como possível, desvendar aspectos que não ficam claros em outras modalidades de registro, sendo mais possível recuperar memórias e narrativas da própria história. Isso acontece porque na comunicação visual a relação entre signos e significados não é pré-estabelecida. Por se tratar de uma mensagem com códigos abertos e contínuos, é possível ter uma infinidade de interpretações. Em se tratando de um registro, o cinema traz consigo toda uma carga de ideologias, e principalmente, o olhar do pedagogo pela mediação da imagem sobre o seu “lugar”.

Considerando o exposto, faz-se relevante uma pesquisa fundamentada nos registros e situar a relação dos sujeitos com o criar imagético como instrumento de inserção e pertencimento, possibilitando aos educadores, acadêmicos e educandos a possibilidade de exercitar novas práticas psicológicas, educativas e imagéticas que ditam as relações sociais da nossa contemporaneidade.

O cinema pode ser usado como recurso antropológico para se obter informações de uma determinada época, com isso enaltecendo o uso desse artifício, que tem começado a ter valor enorme nas aulas, principalmente as que retratam todo um contexto histórico. O uso da imagem na sala de aula é indiscutível quando se pretendem obter resultados nos projetos que são disponibilizados para a turma.

A partir desse olhar metodológico, o educador consegue perceber o que melhor se adapta ao contexto vivido pelo grupo. Com esse cuidado o cinema deixa de se expressar somente pelo cotidiano e passa a ser um instrumento educacional disponibilizando diversas formas de aprendizagem. Que inclusive está disposto no art. 26, inciso 8º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional o uso obrigatório de filmes em sala de aula como componente curricular da educação básica (BRASIL, 1996):

Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (Redação dada pela Lei nº

12.796, de 2013). § 8º A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais. (Incluído pela Lei nº 13.006, de 2014)

No entanto faz-se necessário ter cautela com o material que será disponibilizado para a apresentação do assunto, por isso não se pode deixar para o recurso utilizado a responsabilidade de disseminar o conteúdo em sala de aula, é propenso que o olhar do educador esteja voltado para o que o filme disponibiliza e se tenha um planejamento para não perder o foco da aula. O interessante é disponibilizar materiais recentes e antigos onde poderá ser feito uma análise crítica de como a situação mundial está se transformando.

Temas como a Revolução Industrial, Nazismo, Socialismo, Capitalismo, Primeira e Segunda Guerra Mundial e História da Filosofia podem enriquecer muito o aprendizado no contexto escolar, trazendo para todos os envolvidos uma necessidade de conhecer visualmente o que antes se conhecia apenas pelo texto escrito.

Ainda é comum existir educadores que observam o cinema como mero ilustrador para textos abordados fazendo dele um simples objetivo para se alcançar o término de determinada aula, essa conduta não é só vista nas aulas de história, e sim, notada em todas as matérias. Levando em consideração essas atitudes é necessário que haja um preparo para que os educadores sejam capazes de usar os meios de comunicação em suas aulas sem perder o verdadeiro sentido.

Destacamos como essencial, que o educador insira o cinema como produto cultural podendo trazer conhecimentos e discussões sobre os assuntos trabalhados no cotidiano escolar e não apenas para cumprir uma função curricular.

Foi proposto aos alunos discussões e diálogos para demonstrar o quanto é prazeroso aprender. Pois a educação e o cinema paralelamente, crescem com um olhar crítico para a transformação da realidade em que a sociedade está presente, o pensar crítico é indispensável para que se obtenha uma forma única de ver, imaginar e agir no meio em que habita.

O tema abordado neste trabalho é voltado para o cinema na aprendizagem com a utilização da ferramenta audiovisual, neste caso estão sendo utilizados filmes apropriados a faixa etária desses alunos onde todos podem socializar novas descobertas em conjunto. Estabelecendo assim, uma interação com o grupo e

disponibilizando várias conversas e interpretações de temas abordados em todos os filmes expostos.

São usados, nesse contexto, signos linguísticos sendo dos tipos verbais e não verbais, que podem trazer interpretações variadas dos conteúdos disponibilizados nas aulas. O cinema tem em si vários aspectos de linguagem sendo visuais, auditivas e em códigos que são identidade própria desse recurso que podem ser identificados por todos, podendo ter significados ou representações diferentes entre o grupo.

O uso do filme em sala de aula pode ser visto como um método psicopedagógico que proporciona conhecimento de mundos para os educandos. E para que a introdução desse método se tornasse possível em sala de aula, fizemos um diálogo com o projeto pedagógico de abordagens específicas para cada tipo de aula, no qual foi levado em conta o ambiente onde está localizada a turma e o contexto em que vivem.

Foi fomentada a autonomia dos discentes, sendo possível se expressarem melhor após terem assistido aos filmes em sala de aula, fazendo com que muitos conseguissem ver a realidade de uma forma diferente, refletindo assim em mudanças em toda a sua trajetória e não somente na instituição que faz parte como também em sua vida.

2 METODOLOGIA

Recebemos orientações quanto à consciência de sermos sujeitos históricos e sociais, identificados e pertencentes a grupos, bem como, discutimos como relacionar essa experiência com os filmes a um propósito educativo da comunidade escolar. Unir cinema e memória coletiva à multiplicidade da sala de aula que seria a de “reconstruir” o olhar a partir de suas múltiplas realidades, isso conforme foram havendo os encontros, através das imagens e dos debates sobre os filmes e a memória interpretada junto à comunidade escolar.

No primeiro momento, fizemos reuniões com o orientador do projeto para definir a escolha da instituição educacional, onde são desenvolvidas as atividades do projeto de extensão.

Depois de definida a parceria, a professora do CEJA, responsável pelas turmas de 2º e 3º anos do ensino médio, vespertino e noturno, nos passou todo o cronograma curricular ministrado durante o ano letivo corrente.

A partir dessas definições analisamos os possíveis documentários de acordo com o eixo (cronograma) proposto pelo projeto aliado ao planejamento curricular das aulas. Diante dessas escolhas elaboramos o nosso calendário de aplicação e estudos.

No desenvolvimento do projeto junto à comunidade escolar, realizamos oficinas com os filmes e documentários, além de pesquisas com relação entre imagem e memória na instituição selecionada.

Através da interdisciplinaridade é instituir definitivamente a importância desse suporte a partir de novas formas e práticas que a sociabilidade atual impõe aos sujeitos. Também utilizamos imagens e discussões acerca das questões vivenciadas pelos sujeitos envolvidos na disciplina de sociologia.

Os estudos dos filmes que foram exibidos, ajudaram a reconstruir a interpretação histórica no contexto da realidade concreta da disciplina; levantamos algumas problematizações referente ao cenário histórico ou psicossocial que a vida cotidiana é vivida pelos sujeitos através das imagens escolhidas e devidamente estudadas; apontamos quais compreensões poderiam surgir diante da mostra, o sistema de relações e representações, níveis de consciência, identificação e pertinência dos indivíduos aos grupos; analisamos a importância da imagem, especificamente o filme, no desenvolvimento dos alunos e das alunas como sujeitos históricos e comunitários no contexto escolar; interpretamos e relacionamos os estudos do material coletado com as informações desenvolvidas durante o processo de exibição por meio de uma postura interdisciplinar que tem como objetivo a transformação dos indivíduos em sujeitos históricos.

2.1 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Vivenciar a realidade lida no levantamento bibliográfico e principalmente nas obras de Paulo Freire, que coincidentemente leva o nome da escola onde o projeto é aplicado, revelou na prática que o discurso do poder se torna o discurso do oprimido. Essa vivencia trouxe consigo o despertar para a educação de jovens, adultos e

idosos podendo nos mostrar a realidade vivida na educação brasileira e a rotina dos alunos e alunas que trabalham e estudam.

A interação da turma nas primeiras intervenções foi vista com receio por não nos conhecerem e demonstrarem medo de expressar suas opiniões, contudo com o decorrer do tempo e dada as circunstâncias do convívio com os alunos passamos a perceber uma interação de confiança sendo esse o ponto de partida para iniciarmos os debates e os questionamentos de forma mais espontânea e natural, havendo relatos de que as aulas antes dessas atividades eram muito monótonas e com a exibição das películas a compreensão da teoria ficou mais fácil para o entendimento e a junção com a realidade vivenciada por quase todos e todas.

O criar imagético utilizado como instrumento de inserção e pertencimento, proporcionou um significativo diálogo e um novo olhar aos educadores, acadêmicos e educandos, diante das possibilidades de exercitar novas práticas psicológicas, educativas e imagéticas que ditam as relações sociais da nossa contemporaneidade.

As mediações que foram feitas com as turmas trouxeram também experiências antes não vividas por nenhum componente discente do projeto de extensão, foi possível participar e ser agente da (trans)formação desses alunos e alunas como cidadãos e fazer parte do desenvolvimento crítico que surgiu a partir dos debates e problematizações expostas nas rodas de conversas, construindo a emancipação do pensar crítico de todos os pares envolvidos nesse processo.

No segundo momento, fora as dificuldades enfrentadas em relação a infraestrutura e disponibilidade da escola para atender ao cronograma do projeto, o qual ocorreu uma greve e atividades internas como, festa de datas comemorativas, férias, jogos internos, visitas externas, feiras, olimpíadas entre outros, além da resistência inicial que eles tiveram, que já foi citada. No entanto, o retorno foi bastante significativo, inclusive com os demais atores envolvidos do centro educacional, pois o público-alvo do projeto foi expandido com o despertar do interesse pelos outros professores e alunos das demais turmas.

Além das discussões, a professora que ministra as aulas, propôs atividades reflexivas como forma de documentar através da escrita, o que foi compreendido diante dos debates com o que foi assistido, relacionando o filme com a realidade vivida e as aulas teóricas. Material esse que usaremos como indicadores de

comparação e documentos para a elaboração do artigo final, que será finalizado e entregue no ano de 2019.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observarmos o precarizado pensar crítico social, que vivencia o século da pósmodernidade, se situa como sujeito contemporâneo receptor do fluxo acelerado de informações, que transformam o indivíduo em mero contentor passivo, reproduzidor de ideias midiáticas manipuladas pelo poder.

Sendo assim sentimos a necessidade de unir o criar imagético com a composição educacional libertadora de Paulo Freire. O EJA tem em sua especificidade pessoas fora da faixa etária do ensino regular, regressando para a sala de aula. Inúmeros são os motivos que levam esses indivíduos de volta ao ambiente escolar. Porém, em sua grande maioria o objetivo mais atenuante está relacionado ao contexto econômico, considerando a exigência mínima de formação básica. Contudo, por vezes, infelizmente o ato pedagógico é superado pelos anseios mercadológicos. Por esse motivo estamos desenvolvendo neste projeto de extensão práticas que viabilizam um despertar no tocante ao desejo de empoderar-se no processo de aprendizagem.

Optamos pela escolha de exibição de filmes que mais que meros ilustradores de aulas, retratam acontecimentos históricos/sociológicos, assim conseguimos despertar nos educandos o senso crítico sobre questões principalmente cotidianas, que dentre os relatos, passam despercebidos, afinal somos sujeitos históricos, participando de uma construção social interminável sempre em movimento, para assim fazermos história de forma consciente e crítica.

REFERÊNCIAS (segue abaixo alguns dos formatos para cada tipo)

[livro] BERNADET, Jean-Claude. **O que é cinema?** São Paulo: Brasiliense, 1996.

[livro] _____. **Historiografia clássica do cinema brasileiro.** São Paulo: Annablume, 1995.

[livro] BERNSTEIN, Brasil. **Pedagogia, controle simbólico e identidade.** Madri: Morata, 1998.

[livro] BILHARMINDO, G. **Cem anos de cinema brasileiro**. Uberaba: Instituto Triangulino de Cultura, 1997.

[livro] CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

[livro] DELEUZE, G. **Cinema: a imagem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

[livro com mais de um autor] FELDMAN-BIANCO, M. M. L. (Org.). **Desafio da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. Campinas: Papyrus, 1998.

[livro] FERRO, Marc. **Cinema e história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

[livro] FERREIRA, Rodrigo de Almeida. **Luz, câmera e história: práticas de ensino com o cinema**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2018.

[livro] FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artmed, 1993.

[livro] FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 60° ed. - 2016.

[livro] _____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 10° ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

[livro] _____. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 26° ed. - 2002.

[livro] _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

[livro] _____. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 27° ed. - 1979.

[livro] GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1998.

[livro] LEBEL, Jean-Patrick. **Cinema e ideologia**. São Paulo: Mandacaru, 1989.

[livro] MORAIS, Cláudio Jorge Gomes de. **O cinema educativo em Pernambuco: a intervenção de Agamenon Magalhães (1937-1945)**. Maceió: CBA Editora, 2018.

[livro] PIMENTEL, Lucília da Silveira Leite. **Educação e cinema: dialogando para a formação de poetas**. São Paulo: Cortez, 2011.

[leis e decretos] BRASIL. Lei n. 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (LDBEN). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm> Acesso em: 13 nov 2018.